



## GUERRA NO LESTE EUROPEU

# Rússia admite objetivo de derrubar Zelensky

Serguei Lavrov, ministro das Relações Exteriores de Vladimir Putin, afirma que russos ajudarão o povo ucraniano a "se libertar do regime". Presidente da Ucrânia não comenta, mas pede mais sanções contra Moscou e critica a "guerra do gás"

» RODRIGO CRAVEIRO

Anatolii Stepanov/AFP



Moradora observa destruição em seu apartamento, após imóvel ser atingido por um míssil Smerch, em Kramatorsk, no leste da Ucrânia

Depois de admitir que Moscou pretende anexar outras regiões da Ucrânia, além do Donbass (leste), o chanceler russo, Serguei Lavrov, afirmou que o Kremlin tem um objetivo: derrubar o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. "Nós definitivamente ajudaremos o povo ucraniano a se libertar do regime, que é absolutamente anti-povo e anti-história", declarou o ministro das Relações Exteriores. Em viagem ao Cairo, Lavrov disse que russos e ucranianos "viverão juntos no futuro".

Alheio à ameaça de deposição, Zelensky pediu à Europa que "responda" à "guerra do gás" da Rússia com mais sanções econômicas. "Hoje ouvimos novas ameaças de gás contra a Europa. Trata-se de uma guerra aberta de gás que a Rússia está travando contra uma Europa unida. (...) Não se deve pensar em como recuperar uma turbina, mas em reforçar as sanções", disse.

Mais cedo, a petrolífera russa Gazprom anunciou que, a partir de amanhã, diminuirá as entregas diárias de gás para a Europa por meio do gasoduto Nord Stream — que conecta Rússia e Alemanha — para 33 milhões de metros cúbicos. A justificativa de Moscou envolve a necessidade de reparos em uma turbina.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional

de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran disse ao **Correio** que, ao invadir a Ucrânia, o presidente russo, Vladimir Putin, anunciou uma "operação militar especial para depor o regime". "Putin afirmou que deseja 'liberar' e 'desnazificar' a Ucrânia. Ele fracassou, e as

ações da Rússia tiveram que ser recalibradas. Os russos começaram a falar sobre a 'libertação' do Donbass (leste). Primeiro, Lavrov declarou que desejava reiniciar as negociações com a Ucrânia. Depois, avisou que mudará o regime ucraniano."

Haran crê que a ameaça de depor Zelensky esteja associada ao desejo de anexação de outros territórios da Ucrânia. "Isso confirma que a meta da Rússia permanece a mesma: conquistar a Ucrânia. Ao bombardear áreas civis, os russos

tentam intimidar os ucranianos e forçar os cidadãos a pressionarem Zelensky a aceitar as concessões de Moscou. Não vejo chance de o Kremlin derrubar o governo", comentou. "Apesar da lei marcial, a Ucrânia é uma democracia, que

permite críticas a Zelensky. Os partidos da oposição estão unidos para defender o país."

### Cautela

Mykola Volkyvskyi, ex-asseessor do presidente do Parlamento, adverte que as declarações de Lavrov devem ser interpretadas com cuidado. De acordo com ele, há algumas semanas, o ex-presidente russo Dmitry Medvedev alertou que ataques ucranianos à Crimeia seriam respondidos com um "dia do juízo final".

"Antes, propagandistas do Kremlin ameaçaram a Ucrânia e os EUA com um ataque nuclear. Quando a Lituânia banii o trânsito de mercadorias russas, Moscou citou 'consequências imprevisíveis'. Nós observamos uma linguagem da chantagem, quando as nações se veem forçadas a escolher entre 'a declaração de um país autoritário imprevisível' e 'um Estado pacífico que pode ser destruído a qualquer momento'. A fala de Lavrov se aplica a importadores de produtos da Ucrânia", lembrou Volkyvskyi.

Para Kateryna Shtepa, 17 anos, estudante de história da Universidade Nacional Kiev Taras Shevchenko, as palavras de Lavrov são bravata. "Estou surpresa com o fato de que a Rússia não compreendeu que o meu povo não pode ser derrotado. Nós elegemos o presidente, e estaremos com ele até a vitória."

## VIAGEM AO CANADÁ

# Papa clama perdão por "mal" causado a indígenas

Joseph Julius Maud, 61 anos, olhou em volta e viu muitos outros indígenas em lágrimas, no Parque Muskwacis, em Maskwacis, 70km ao sul de Edmonton, capital da província de Alberta (centro-oeste do Canadá). Quando percebeu, também se pôs a chorar. "Esperei tantos anos por isso", afirmou ao **Correio** o ex-interno da Escola Residencial de Pine Creek, em Manitoba, uma instituição mantida pela Igreja Católica entre 1890 e 1969. Às 11h (14h em Brasília), o papa Francisco pediu perdão "pelos mal que tantos cristãos cometeram contra os povos indígenas" — crianças nativas internadas de 139 escolas geridas pelo Vaticano sofreram abusos.

"Estou magoado. Peço perdão pela maneira como muitos membros da Igreja e das comunidades religiosas cooperaram, também por meio da indiferença, nesses projetos de destruição cultural e de assimilação forçada", declarou o pontífice, ao visitar Maskwacis. "O lugar onde nos encontramos ecoa um grito de dor, um clamor sufocado que me acompanhou durante esses meses", acrescentou. O processo de assimilação cultural, classificado por muitos especialistas como "genocídio", provocou a morte de 6 mil menores indígenas, vitimados por doenças, desnutrição, negligência ou abusos.

"Eu aceito seu pedido de

Patrick I. Fallon/AFP



Francisco utiliza cocar dado por índios em Maskwacis: fala histórica

desculpas", disse Maud. Segundo ele, o papa foi bem além do que dizer "sinto muito". "Ele quer que a Igreja Católica caminhe com os povos indígenas nesse processo de cura. Foi muito importante ouvir aquelas palavras", comentou. Maud tinha seis anos quando chegou à Escola Residencial de Pine Creek. "Minha língua-mãe era Ojibway. Eu não sabia inglês. Quando eu falava em Ojibway, as freiras me amarravam e me infligiam outros tipos de punição. Comecei a urinar na cama, e as religiosas

esfregavam a urina no meu rosto. Era uma experiência horrível, ocorria todas as manhãs e eu me punha a chorar", relatou o sobrevivente, que viajou 16 horas entre Manitoba e Maskwacis para escutar o papa. O evento reuniu nativos de grupos como Primeiras Nações, Metis e Inuit. Também contou com a presença do premiê canadense, Justin Trudeau, e de Mary Simon, a primeira governadora-geral indígena do país. As lideranças indígenas fizeram uma apresentação de dança e de cânticos de cura para Francisco.

### Eles estavam lá

"Ainda estamos esperando respostas da Igreja. Vinte crianças jamais retornaram de Pine Creek para suas casas. Uma delas era minha prima. Ela tinha nove anos e nunca descobrimos onde foi enterrada. Hoje (ontem), foi um dia verdadeiramente histórico na história do Canadá. O papa disse que sentia muito e pediu perdão."

Joseph Julius Maud, 61 anos, ex-interno da Escola Residencial de Pine Creek, em Manitoba



"Testemunhei vários indígenas caminhando rumo à área onde o papa falará. Emocionei-me. Alguns dos sobreviventes oravam por isso há tanto tempo. Fiquei impactada em ver o papa rezar em um local que abrigou uma escola residencial. Havia lágrimas de felicidade entre os que presenciaram isso. Foi um passo adiante. Temos um longo caminho."

Brandi Morin, jornalista da etnia Primeira Nação Michel e autora de *Our voice of fire*

Depois, entregaram ao pontífice um imenso cocar de penas, que ele colocou sobre a cabeça.

A jornalista Brandi Morin, integrante da etnia Primeira Nação Michel e autora de *Our voice of fire* ("Nossa voz de fogo"), também testemunhou o discurso do papa, em Maskwacis. Neta de um sobrevivente, ela ressaltou ao **Correio** que os povos indígenas canadenses estão em fases distintas de um processo de cura e de reconciliação. "Comunidades ainda desenterram covas de crianças indígenas em várias regiões. Nós experimentamos um

estado de luto. Ainda há muito trauma. A cura levará gerações", desabafou Morin.

Ao longo dos anos, ela entrevistou vários indígenas sobreviventes de abusos. "Você ficaria horrorizado em escutar o que essas crianças enfrentaram nessas casas de assimilação do horror. Um dos sobreviventes foi obrigado a cavar o túmulo de um colega, no internato. Os abusos foram disseminados. Uma das escolas chegou a instalar uma cerca elétrica para impedir fugas. Eram campos de concentração", comparou.

### "Eu aceito"

Norman Yak'e ula, da etnia Dene, sofreu abusos sexuais, físicos, emocionais e mentais dos 5 aos 14 anos, na Escola Residencial Grollier Hall, em Inuvik, nos Territórios do Noroeste. Aos 63, o indígena disse à reportagem que perdoa o papa. "Eu aceito o pedido de perdão de Francisco, porque ele o fez em nossa própria terra. Ele assistiu à cerimônia dos povos das Primeiras Nações, colocou-se aberto a conversar com os sobreviventes, mas não proferiu o termo 'abuso sexual'. O pedido de desculpas do pontífice se restringiu ao que ele queria dizer." Yak'e ula espera que cardeais, bispos e sacerdotes acolham as palavras de perdão do papa e trabalhem com os indígenas para "deixar o passado para trás e criar um novo futuro de respeito, justiça e reconhecimento".

Hoje, Francisco celebrará uma missa campal no Estádio Commonwealth, em Edmonton, diante de cerca de 65 mil pessoas. Depois, visitará a Igreja do Sagrado Coração dos Primeiros Povos de Edmonton e fará novo discurso para os povos indígenas. Amanhã, o líder católico chegará a Quebec. A viagem pelo Canadá se encerrará na sexta-feira, em Iqaluit (Nunavut), no norte. (RC)